

CENTRO UNIVERSITÁRIO ATENAS

EVENY FERREIRA DA SILVA

**A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM PRESTADA À
CRIANÇA AUTISTA E SEUS FAMILIARES**

Paracatu

2022

EVENY FERREIRA DA SILVA

**A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM PRESTADA À CRIANÇA AUTISTA E SEUS
FAMILIARES**

Monografia apresentada ao Curso de Enfermagem do Centro Universitário Atenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Área de concentração: Enfermagem Psiquiátrica.

Orientadora: Professora Leilane Mendes Garcia.

Paracatu

2022

EVENY FERREIRA DA SILVA

**A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM PRESTADA À CRIANÇA AUTISTA E SEUS
FAMILIARES**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação do Centro Universitário Atenas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Área de Concentração: Enfermagem Psiquiátrica.

Orientadora: Professora Leilane Mendes Garcia.

Banca Examinadora:

Paracatu-MG, 04 de Junho de 2022.

Prof^a. Leilane Mendes Garcia.
Centro Universitário Atenas

Prof. Leandro Garcia Silva Batista
Centro Universitário Atenas

Prof^a. Msc. Rayane Campos Alves
Centro Universitário Atenas

“A observação indica como o paciente está; a reflexão indica o que precisa ser feito; destreza prática indica como fazê-lo. Treinamento e experiência são necessários para saber como observar e o que observar; como pensar e o que pensar”.

Florence Nightingale

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela oportunidade de chegar até aqui, mesmo com todas as dificuldades, sempre me abençoando, iluminando minha caminhada e me tornando uma pessoa mais forte a cada dia. Em segundo, agradeço duas pessoas em especial que estiveram comigo, me apoiando por todos esses 5 anos de curso: minha mãe e minha avó. Minha eterna gratidão pelos conselhos, puxões de orelha quando pensei em desistir e o apoio quando pensei que não conseguiria chegar até aqui, por isso dedico o meu esforço a vocês duas. Vocês foram as únicas que estiveram comigo, desde a alegria de entrar na universidade, os choros por dificuldades diversas e até agora terminando a graduação.

Também quero agradecer a todos os demais familiares, sem exceção, por me apoiarem e aconselharem durante essa caminhada. Ademais, agradeço todas as pessoas que, de alguma forma, passaram por minha vida, seja um amigo, um conhecido ou um namorado, pois acredito que independente de ter o contato hoje em dia ou não, cada pessoa que passa por nós acaba nos moldando e nos fazendo enxergar o mundo de uma forma diferente. O meu caminho não seria o mesmo se cada um de vocês não estivesse passado por minha vida.

Sou grata a todos os professores que me proporcionaram todo o conhecimento adquirido até aqui, aprecio todo o esforço que fazem em prol da aprendizagem dos alunos. Cada um me proporcionou experiências diferentes e todos são uma parte da escada que estou subindo rumo ao sucesso profissional. Sou muito grata por tudo!

Além disso, quero agradecer em especial à professora que contribuiu muito para a realização deste trabalho. A professora Leilane Garcia é um exemplo de ser humano, muito organizada, educada, prestativa, uma pessoa maravilhosa e também quero agradecê-la por nos doar cada minuto do seu tempo em prol da nossa aprendizagem e da nossa melhoria.

E finalmente, quero agradecer a mim mesma, pelo esforço, pelas noites mal dormidas, pela preocupação e por nunca ter desistido mediante todas as dificuldades que apareceram por todo esse longo caminho.

Desejo muito sucesso a todos os envolvidos, que seus caminhos sejam repletos de luz, paz, alegria e realizações. Sou eternamente grata.

RESUMO

A palavra "autismo" vem do grego "autós" que significa "de si mesmo" e foi criada por Eugene Bleuler em 1911, no intuito de descrever um sintoma da esquizofrenia e definiu como sendo uma fuga da realidade. Atualmente, o transtorno apresentado é diferente do transtorno esquizofrênico e o termo vêm ganhando muita repercussão na sociedade devido o conhecimento de novos casos. Esse distúrbio, traz diversas consequências neurológicas desde a infância e acarreta dificuldades aos familiares de lidar com a situação. A partir do conhecimento referente a temática, a equipe de enfermagem, auxilia não só o paciente autista, mas também todos os familiares sobre os cuidados necessários para auxiliar na assistência à saúde. Os profissionais de enfermagem, ao decorrer da carreira se mostram com muitas dúvidas e dificuldades no que diz respeito o assunto. Em toda sua graduação o foco sobre o assunto é pouco e deve partir do próprio enfermeiro buscar o conhecimento necessário para auxiliar os envolvidos. Porém, o auxílio da enfermagem ao paciente autista requer muito estudo e técnica e seu auxílio é de extrema importância para o campo de saúde mental, onde o enfermeiro pode ajudar no desenvolvimento da criança e ajudar os familiares aceitarem e entenderem a fisiologia do transtorno. Assim, é necessário analisar como é feita a assistência de enfermagem prestada à criança autista e seus familiares. Para a pesquisa bibliográfica, foram utilizados artigos científicos, livros e revistas de saúde disponibilizados nas principais bases de dados.

Palavras-chave: Autismo. Saúde Mental. Assistência de Enfermagem.

ABSTRACT

The word 'autism' comes from the Greek 'autós' which means 'from oneself' and was created by Eugene Bleuler in 1911 in order to describe a symptom of schizophrenia and defined it as an escape from reality. Nowadays, the disorder presented is different from schizophrenic disorder and the term has been gaining much repercussion in society due to the knowledge of new cases. This disorder has several neurological consequences since childhood and causes difficulties for family members to deal with the situation. Based on the knowledge regarding the theme, the nursing team helps not only the autistic patient, but also all family members on the necessary care to assist in health care. Nursing professionals, in the course of their career, show themselves with many doubts and difficulties regarding the subject. In all their graduation, the focus on the subject is little and it should start from the nurse himself to seek the necessary knowledge to help those involved. However, nursing assistance to the autistic patient requires a lot of study and technique and its assistance is extremely important for the field of mental health, where nurses can help in the development of the child and help family members accept and understand the physiology of the disorder. Thus, it is necessary to analyze how nursing care is provided to autistic children and their families. For the bibliographic research, scientific articles, books and health magazines available in the main databases were used.

Keywords: *Autism. Mental health. Nursing Assistance.*

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
COREN RJ	Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro
DSM-5	Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (5ª edição)
EPS	Educação Permanente em Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
SNC	Sistema Nervoso Central
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TDAH	Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	PROBLEMA	11
1.2	HIPÓTESES	11
1.3	OBJETIVOS	11
1.3.1	OBJETIVO GERAL	12
1.3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
1.4	JUSTIFICATIVA DO ESTUDO	12
1.5	METODOLOGIA DO ESTUDO	12
1.6	ESTRUTURAS DO TRABALHO	13
2	O AUTISMO E SEUS CONCEITOS	14
3	O PREPARO DO ENFERMEIRO FRENTE O AUTISMO	17
4	A ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO E SEU APOIO AOS FAMILIARES	21
4.1	A ASSISTÊNCIA AOS FAMILIARES	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	26

1 INTRODUÇÃO

O autismo infantil no decorrer dos anos recebeu uma diversidade de conceitos e aprimorações. No entanto, segundo Garcia e Mosquera (2011), o autismo pode ser caracterizado por um comprometimento em diversas áreas do desenvolvimento, tais como: habilidades de interação social recíproca, habilidades de comunicação, entre outros.

De acordo com Assumpção e Pimentel (2000), sua epidemiologia corresponde a aproximadamente 1 a 5 casos em cada 10.000 crianças. Já a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) defende que 1 caso em cada 160 crianças possui esse transtorno, dado esse que, se comparado com os anos 2000, observa um aumento significativo.

Os indivíduos que recebem tal diagnóstico, em geral, carecem de entusiasmo espontâneo, têm dificuldade de engajar-se em brincadeiras ou inventar histórias com brinquedos (ZANATTA *et al.*, 2014).

Embora o transtorno seja conhecido, Nogueira e Rio (2011) mostram que ainda existem famílias que possuem dificuldades para lidar com os quesitos de informações sobre a doença, desenvolvimento infantil, educação, entre outros. A família passa por um processo de adaptação à nova realidade presente em suas vidas. Entretanto, as famílias se mostram positivas, já que algumas mães conseguem aprender com os filhos apesar das dificuldades.

A assistência de enfermagem no diagnóstico da doença é indispensável nesse contexto, pois “o enfermeiro, como membro da equipe multiprofissional, é um dos responsáveis por esse acompanhamento e deve estar preparado para avaliar o desenvolvimento infantil, a fim de detectar precocemente qualquer anormalidade e tomar as medidas resolutivas” (NASCIMENTO *et al.*, 2018).

De acordo com Melo *et al.* (2017), a observação do enfermeiro na descoberta do autismo infantil é de suma importância, principalmente durante a consulta de enfermagem, em que é avaliado o desenvolvimento e o crescimento da criança e, com base nisso, é imprescindível o conhecimento por parte dos profissionais, para, assim, avaliar os sinais e sintomas do autismo.

Melo *et al.* (2017) mencionam que o enfermeiro deve ser o mediador entre a família e os outros profissionais, de modo a orientar os cuidadores, ao criar estratégias com o intuito de minimizar as consequências que a doença traz à criança

e seus familiares. Isso é feito pelo motivo que a enfermagem não é resumida somente em cuidados limitados ao paciente, mas há uma visão holística, pois engloba o paciente e a sua família (SOUZA *et al.*, 2020).

Embora haja uma boa percepção, estratégias e intervenções do enfermeiro sobre os sinais e sintomas da criança com autismo, ainda há grande dificuldade quanto à detecção precoce do transtorno, sendo a realidade do atendimento feito pelos profissionais de enfermagem diferente da teoria (NASCIMENTO *et al.*, 2018).

Nascimento *et al.* (2018), em sua pesquisa, constatam que entre as dificuldades em detectar os sinais e sintomas do autismo, estão a falta de capacitação e divulgação de materiais específicos que incentivem o uso de meios facilitadores ao diagnóstico precoce do autismo.

Com base nisso, o preparo dos profissionais não se mostra completo, como criticado por diversos autores. Nesse sentido, "há um consenso entre os autores sobre a necessidade urgente de se proporcionar um melhor preparo da enfermagem para lidar com a assistência de crianças autistas" (SOUZA *et al.*, 2020).

Portanto, é necessário analisar todas as questões apontadas, a fim de compreender o conceito da doença, como é realizada a assistência de enfermagem e como deve ser feita a assistência, a fim de promover melhorias no atendimento ao paciente e seus familiares.

1.1 PROBLEMA

A assistência que o enfermeiro presta à criança autista e aos familiares é de fato efetiva, clara e objetiva?

1.2 HIPÓTESE

Espera-se que a assistência prestada pelo profissional de Enfermagem seja efetiva e clara para a criança, de modo a auxiliar os familiares como proceder com crianças autistas.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Descrever a importância da assistência de enfermagem as crianças autistas e apoio aos seus familiares.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) conceituar o autismo.
- b) identificar como deve ser o preparo dos profissionais para o atendimento.
- c) descrever a assistência do enfermeiro ao paciente e seus familiares.

1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

O estudo se justifica pela recorrência do autismo no cotidiano. No entanto, observa-se que ainda há uma necessidade de melhor preparação quanto a abordagem de crianças autistas na área profissional de saúde, principalmente dos enfermeiros.

Segundo Souza *et al.* (2020), os profissionais de saúde afirmam que ainda é precário o conhecimento técnico científico dos enfermeiros com relação ao distúrbio mental. Dessa forma, a falta de preparo influencia diretamente no auxílio do profissional não só à criança autista, mas também à família envolvida, dificultando o convívio entre os mesmos e a possibilidade de melhoria do quadro do paciente.

Portanto, é de suma importância a análise de como é guiado o auxílio do enfermeiro mediante o quadro, para assim, proporcionar a melhoria desejada e uma assistência adequada para a criança e familiares.

1.5 METODOLOGIA DO ESTUDO

De acordo com Gil (2010) “Não há, evidentemente, regras fixas sobre a elaboração de um projeto. Sua estrutura é determinada pelo tipo de problema a ser pesquisado e também pelo estilo de seus autores”. Dessa forma, para o estudo, será utilizada a pesquisa bibliográfica, o qual, é contemplado com artigos científicos e outros.

Para isso, o estudo trata de uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo qualitativo, que foi desenvolvida a partir de artigos científicos disponibilizados nas bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), LILACS, MEDLINE, SciELO, livros e revistas de saúde, no período de 2000 a 2022, indexados com descritores “autismo”, “transtorno do espectro autista” e “autista”.

Portanto, para alcançar os objetivos neste trabalho, utiliza-se de recursos bibliográficos a fim de responder as questões inseridas anteriormente e o aprofundamento da temática apresentada.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho contém em sua estrutura cinco capítulos.

O primeiro abordando a contextualização do assunto, construção do problema, as hipóteses e os objetivos, justificativa e metodologia.

O segundo capítulo, por sua vez, descreve o conceito de autismo.

O terceiro capítulo aborda o preparo dos profissionais da saúde frente o autismo.

O quarto capítulo vem esclarecer como realmente é a assistência atual do enfermeiro ao paciente autista e seu apoio aos familiares.

O quinto capítulo é composto pelas considerações finais, que mostra a importância do cuidado dos profissionais, esclarecendo os objetivos do trabalho.

2 O AUTISMO E SEUS CONCEITOS

De acordo com Vilani e Port (2018), em um estudo com crianças, consideradas esquizofrênicas ou até mesmo idiotas, que partilhavam características semelhantes que constituem uma síndrome, possuem dificuldade de manter um relacionamento normal com outras pessoas e outros contextos. Segundo relatos dos pais, as crianças eram autossuficientes, viviam no seu próprio mundo e se davam melhor quando estavam sozinhas. A primeira referência que se tem sobre autismo, foi apresentada por Kanner no ano de 1943, onde diz que desde o início há um isolamento autista que impede qualquer elemento externo se dirigir à criança.

O Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais (DSM-5) define o transtorno do espectro autista como um transtorno do neurodesenvolvimento que é caracterizado por déficits de comunicação, interação, reciprocidade emocional e também déficit para desenvolver, manter e compreender relacionamentos encontrados em diferentes contextos. Além disso, a Associação Americana de Psiquiatria segue dizendo que esse transtorno é frequentemente associado ao de déficit de atenção (TDAH) e outros transtornos, agravando mais o caso. (ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA, 2014).

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde, o transtorno do espectro autista (TEA) “se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades” (OPAS, [s.d.]).

De tal forma, os TEA ou transtornos autísticos (TA) “são desordens do neurodesenvolvimento caracterizadas por déficits na comunicação social, interação social recíproca e no comportamento não verbal em múltiplos contextos, além da presença de padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades” (SOELTL *et al*, 2021).

Segundo Vilani e Port (2018), um dos principais indícios verificados já no início foi motivado pelos registros dos pais da repetição de número de rimas, preces, listas, o alfabeto na ordem correta e de trás para frente, entre outros.

É possível classificar o autismo de duas formas, conforme o período de surgimento dos sintomas, precoce ou tardio, considera-se precoce quando os primeiros sinais foram identificados nos primeiros meses de vida e tardio quando eles aparecem depois do primeiro ano de vida (LAMPREIA, 2013).

Como conceituação e classificação, há um diagnóstico geral, que, todavia, pode ser acompanhado de diferentes sintomas e características na prática. Isso também justifica a dificuldade no diagnóstico e investigação de sintomas. Conforme Anjos (2018), é possível destacar:

O autismo é uma síndrome comportamental, na qual a criança não consegue desenvolver suas habilidades de construção interacional, havendo uma dificuldade qualitativa de se relacionar e de se comunicar de maneira comum com as pessoas. Além das causas neurológicas para este comportamento, é sugerido que o fenótipo autista é amplamente variado. Isso explica a classificação dos pacientes em pelo menos dois perfis distintos: O autista com ausência de comunicação verbal e deficiência mental grave, classificado como "clássico", E o autista com sociabilidade comprometida, que apresentam habilidades verbais e inteligência normal (ANJOS, 2019).

Backes *et al.* (2014), mostram que a família, principalmente os pais, são capazes de perceber as divergências no desenvolvimento de seus filhos antes mesmo do segundo ano de vida. Além disso, conseguiram também perceber os comprometimentos no campo da linguagem entre o primeiro e o segundo ano.

Com estudos *post-mortem* em pacientes autistas, desde a década de 1980, foram notadas anormalidades anatômicas em determinadas áreas relacionadas ao cérebro do autista, tais como: alterações no sistema límbico, lobo temporal, redução no número de células de cerebelo, entre outros. Essas descobertas revelam um grande impacto no neurodesenvolvimento já que, segundo os autores citados, são áreas de grande importância para realização de sinapses no SNC (GARCIA; MOSQUERA, 2011).

Garcia e Mosquera (2011) também apontam que alguns problemas genéticos podem colaborar com as causas neurobiológicas que estão ligadas ao autismo, são elas a diminuição neural, deficiência mental, concentração aumentada de serotonina que circula, convulsões e diversos outros. Além disso, há também fatores ambientais que se associam à doença e podem contribuir, tais como a idade dos pais mais avançada, baixo peso ao nascimento ou exposição fetal a ácido valproico.

O DMS-5 mostra que há diferentes níveis de gravidade. Dessa maneira, o nível 1 é caracterizado pela dificuldade em trocar as atividades e problemas para organização e planejamento e exemplificado como uma pessoa que consegue falar frases completas mas apresenta falhas na comunicação. Já o nível 2 é um pouco mais grave onde há sofrimento ao trocar de atividades e presença de comportamentos repetitivos (BAIRD *et al.*, 2014).

A pessoa no nível 2 comunica-se com frases simples e apresenta comunicação não verbal estranha. O último nível (3), caracteriza uma pessoa com a fala de poucas palavras e inteligível e reage somente a abordagens diretas. Esse nível mostra uma extrema dificuldade em suportar mudanças e há grande sofrimento para mudar o foco das ações (BAIRD *et al.*, 2014).

Embora existam os níveis de gravidade citados anteriormente, existe a possibilidade de uma regressão autista, pois estudos recentes mostram que muitas crianças com a perda de fala também apresentam dificuldades de interação comprometidas ou mostram habilidades sociais atípicas antes da perda da fala. Existem diversos tipos de perdas na regressão na área da fala, nas habilidades sociais, tais como gestos imitativos, apontar, sorriso recíproco, contato ocular, jogo imaginação (LAMPREIA, 2013).

“Os comprometimentos advindos do autismo trazem impactos aos familiares e ao autista, que necessitam se ajustar às novas demandas e às exigências advindas da condição de deficiência da criança”. Nesse sentido, é importante o papel da equipe de enfermagem no processo de diagnóstico, acolhida e tratamento do paciente e dos familiares (FONTINELE *et al.*, 2021).

3 O PREPARO DO ENFERMEIRO FRENTE AO AUTISMO

Embora seja uma doença conhecida, há comprovações de que o preparo dos profissionais de saúde frente às doenças mentais, em especial, o autismo, ainda é precário. O diagnóstico diferencial para o autismo ainda é motivo de grandes dificuldades devido ao grande número de características propostas. Além disso, muitos profissionais, submetidos a perguntas relacionadas ao espectro autista, afirmam ter poucas informações sobre o tema (NUNES *et al.*, 2009).

“Eu imagino uma pessoa autista isolada, se balançando, completamente catatônica assim, completamente indiferente a tudo”, essa fala retrata uma pesquisa dos autores, feita por um enfermeiro, onde retrata seu estereótipo de paciente autista. Isso é um problema pertinente quanto ao preparo dos enfermeiros que são, como um todo, a linha de frente de muitas das doenças mentais e o auxílio de muitos familiares, por isso é muito importante o seu conhecimento (DARTORA *et al.*, 2014).

A boa preparação dos enfermeiros é essencial, pois o distúrbio em si já atrai diversas complicações e fatores de sofrimento para todos os envolvidos. As dificuldades que o tratamento impõe, provocam problemas no relacionamento entre os pais da criança com o transtorno. Assim, a equipe de enfermagem deve estar preparada para ser uma facilitadora, no diagnóstico e no tratamento, sem criar dificuldades aos envolvidos (ZANATTA *et al.*, 2014).

Entende-se que os profissionais não são capazes de reconhecer as principais disfunções sensoriais relacionadas aos TEA. Todavia, esse reconhecimento é necessário, uma vez que é um diferencial para o diagnóstico dessa criança. Dessa forma, os estudos mostram que a equipe de enfermagem não se sente segura nem confiante para atuar na assistência à criança autista, principalmente por falta de experiência para o auxílio direcionado e a desinformação quanto ao assunto (SOELTL *et al.*, 2019).

Afirma-se que, em geral, “os enfermeiros sentem dificuldades de acolher as pessoas com transtornos mentais e acabam por focalizar no cuidado ao corpo, prejudicando as questões subjetivas que os envolvem” (FILHO *et al.*, 2020). Há, ainda, dificuldade de identificação do sofrimento psíquico.

Outro empecilho para a detecção precoce do TEA é a ideia de que a identificação e o diagnóstico do distúrbio não é responsabilidade dos profissionais de enfermagem (NASCIMENTO *et al.*, 2018).

A insegurança causada não só pelos profissionais de saúde, mas, principalmente dos enfermeiros é explicada por Nunes *et al.* (2009), que diz que embora esses profissionais conheçam o distúrbio, o conhecimento sobre o assunto não era suficiente para prestar uma boa assistência. Além disso, muitos outros autores como Dartora *et al.* (2014) e Sena *et al.* (2015), continuam com o argumento embasado no déficit de conhecimento dos enfermeiros, sendo que muitos nem sequer tiveram contato com o tema em sua formação. Esse fato mostra como é importante esse pilar na vida dos acadêmicos de enfermagem e na educação permanente dos enfermeiros.

Um dos maiores problemas da falta de informação desses profissionais, que dificulta o preparo e a assistência, é, não só o desinteresse dos profissionais quanto ao assunto, mas a forma como é repassado na graduação. Muitas instituições que oferecem curso de graduação em enfermagem não possuem matéria relacionada à saúde mental em suas matrizes curriculares e outras, embora possuam a matéria inscrita na grade, incluem-na com a carga horária muito inferior ao necessário para uma boa aprendizagem (NUNES *et al.*, 2009).

Sendo assim, a falta de informação se torna um problema, visto que o enfermeiro é um dos principais prestadores de assistências às doenças mentais e aos familiares. Ademais, esse fato pode gerar um desinteresse dos profissionais haja vista que, devido ao pouco aprofundamento, ou nenhum, não tenham oportunidades de conhecer assuntos pertinentes do dia a dia (VARGAS *et al.*, 2018).

Villela *et al.* (2013), mostram as fragilidades no processo de aprendizagem em saúde mental. Uma delas é baixa discussão dos diversos temas que existem nessa área. Além disso, outra fragilidade é a falta de docentes habilitados a ensinar a matéria, que mostram ser mais um fator que problematiza a desinformação dos estudantes e futuros profissionais.

No entanto, Ferreira e Franzoi (2019) destacam em sua pesquisa que muitos ainda relacionam o transtorno autismo às alterações nas relações afetivas e parentais. E outros possuem um estereótipo de autista em suas mentes, no qual todos são dotados de altas habilidades cognitivas. Essa estereotipização é formada através de filmes e séries recorrentes nas redes de canais. Entretanto, esse fato é errôneo, já que quase 70% dos pacientes autistas apresentam déficit cognitivo.

Portanto, visto que a aprendizagem dos enfermeiros é um fator decisivo na atuação não só no quadro de autismo, como também nos assuntos de saúde mental

em geral, é necessário mudanças nesse cenário. A abordagem dos assuntos precisa ser mais detalhada não só na teoria quanto na prática, de modo que, com o aumento de casos, os profissionais possuam segurança em realizar a assistência prestada (FRANÇA *et al.*, 2020).

“Precisa-se repensar sobre a importância da saúde mental nos currículos e também nos serviços de saúde, atualizando os profissionais através de cursos, palestras, materiais informativos” (DARTORA *et al.*, 2014).

Para a assistência ser eficiente, os profissionais devem se preparar não só na graduação, mas em toda sua carreira por meio da educação permanente em saúde. A Educação Permanente em Saúde (EPS) permite a constante atualização dos trabalhadores perante as mudanças técnicas e práticas sobre qualquer assunto relacionados à saúde (FERRAZ *et al.*, 2014).

De acordo com Ribeiro *et al.* (2019), a educação permanente veio para contribuir na formação e no desenvolvimento contínuo dos profissionais, organizando melhor o trabalho e dando mais autonomia. Além disso, os processos de cuidados geralmente têm diferentes complexidades e para ocorrer efetivamente é necessário aprimoramento. Dessa forma, a educação se torna fundamental, pois muitos profissionais de longo tempo ou recém formados precisam buscar novos conhecimentos para ampliar seu aprendizado, métodos, ferramentas e técnicas para acompanharem os avanços.

A EPS é capaz de influenciar os profissionais de saúde fazendo-o compreender o ambiente de atuação através da aprendizagem contínua e adequada ao processo de trabalho dos profissionais. Além disso, a educação em Saúde Mental tem caráter positivo no cotidiano do cuidado, contribuindo para o preparo e desenvolvimento de habilidade para situações específicas, além de trazer mais segurança e conforto dos profissionais na oferta desse cuidado (RIOS & CARVALHO, 2021).

Além disso, é também importante o desenvolvimento de protocolos, com descrição da “rede de atenção psicossocial, que oriente quais os serviços de referência e entraves encontrados na busca pelo diagnóstico precoce, quando necessitam do apoio de outros profissionais da rede”. O desenvolvimento de protocolos mais claros e informativos podem contribuir para uma melhor atuação dos profissionais de enfermagem. É também essencial que tais protocolos e orientações tenham mais espaço dentro das grades de formação dos estudantes de enfermagem,

para que, assim que ingressem no mercado de trabalho, os enfermeiros tenham melhores condições de diagnosticar os sintomas e sinais de TEA (NASCIMENTO *et al.*, 2018).

Segundo são múltiplas as estratégias que podem ser feitas para uma melhor aprendizagem. Para exemplificar melhor, estratégia de rodas de conversas todas as semanas acarretam efeitos positivos no seu cotidiano, pois permitem um melhor contato no campo de saúde mental que muitas vezes não existe em seus ambientes de trabalho. Dessa forma, a implementação de atividades estratégicas também serve como meio de educação continuada e permanente (RAMOS *et al.*, 2013).

É importante a detecção precoce de autismo, uma vez que as abordagens terapêuticas precocemente implementadas “aumentam as possibilidades de respostas positivas, devido à maior plasticidade de estruturas anátomo-neurofisiológicas do cérebro nesse período”. O diagnóstico feito nos três primeiros anos de vida é essencial para o desenvolvimento de capacidades e, sobretudo, o desenvolvimento escolar (NASCIMENTO *et al.*, 2018).

Diante de todos os fatos comentados, é essencial que se preocupe com a preparação e a habilitação dos profissionais de enfermagem para verificar os sintomas de TEA, fazer o diagnóstico e orientar a família sobre os cuidados necessários, bem como encaminhamentos a profissionais e equipes de apoio competentes. É também importante que os enfermeiros saibam como lidar e interagir com esse paciente e com os familiares envolvidos (RAMOS *et al.*, 2013).

4 ASSISTÊNCIA DO ENFERMEIRO E SEU APOIO AOS FAMILIARES

De acordo com Zanatta *et al.* (2014), apesar dos enfermeiros apresentarem déficit de conhecimento, a enfermagem tem se reinventado ao buscar novos conhecimentos e novas formas de auxiliar a criança e a sua família. Além disso, com a reforma psiquiátrica foi possível ter um olhar diferenciado sobre a doença mental, dando lugar a um cuidado humanizado as pessoas que passam por algum sofrimento psíquico (FILHO *et al.*, 2020).

A assistência prestada pela equipe multiprofissional ao paciente com TEA é muito decisiva para o cuidado, pois é ele que está na linha de frente. “Por muito tempo, as habilidades de enfermagem psiquiátrica só foram consideradas necessárias quando se estava lidando com os insanos”. A aplicação dos conhecimentos de saúde mental deveria ser implementada em todas as áreas práticas da enfermagem, sendo de extrema importância no dia a dia tanto para o portador do transtorno quanto às pessoas próximas a ele (LACCHINI *et al.*, 2013).

De acordo com Filho *et al.* (2020), os enfermeiros devem incluir em suas atividades outra forma de cuidar: o acolhimento. Dessa maneira é possível perceber que não só os pacientes, mas também a família, sente à vontade para procurar a unidade onde trabalham.

Além disso, é importante a comunicação da equipe de enfermagem com os familiares e outros profissionais que fazem parte do cotidiano dessa criança, para entender seus comportamentos e hábitos, promover o diagnóstico precoce dos TEA” e desse modo, uma análise ampla que englobe a rotina do paciente, e o depoimento de várias pessoas de seu convívio (SOELT *et al.*, 2021).

O papel do enfermeiro na assistência é diverso e deve ser adotado em prol da melhora do paciente. Deve promover a prevenção da doença mental e ter uma visão holística sobre o autista, levar em consideração não só seu transtorno, mas seus medos e comportamentos. Além disso, o enfermeiro deve estar focado em ajudar o paciente a enfrentar as pressões da enfermidade e em assistir o paciente, a família e a comunidade para a manutenção da vida (LACCHINI *et al.*, 2013).

Na maioria das vezes, haverá dificuldades da expressão oral do paciente, cabendo à enfermagem um olhar cuidadoso, escuta ativa, prestar uma assistência diferenciada e proporcionar a criação de planos terapêuticos que proporcionam a particularidade de cada paciente. É importante realizar todos os esclarecimentos

necessários, para que todas as dúvidas relacionadas ao TEA sejam esclarecidas aos pacientes, além de dimensionar os saberes do enfermeiro sobre as peculiaridades do transtorno do autismo e o seu reflexo (ANJOS, 2019).

A enfermagem não só auxilia o paciente em diversos contextos familiares e sociais, como também no ambiente escolar. É possível perceber a necessidade de observar o comportamento, atuar com respeito e reconhecer as necessidades da criança autista, ao observar a linguagem corporal, o humor e o comportamento. Dentre as dificuldades, inclui a aproximação, na qual muitas vezes ocorre uma resistência, pois cada criança possui seu universo, suas particularidades e não deixam um adulto desconhecido fazer parte (SOUSA *et al.*, 2018).

Assim, de acordo com Sousa *et al.* (2018), os cuidados humanizados possibilitam maior êxito no tratamento e a criança cede espaço aos poucos. A partir disso, é possível auxiliar no seu desenvolvimento e obter diversos benefícios tais como: melhora de desenvolvimento social, aprimoramento de leitura, escrita, melhorias na linguagem, na expressão e a diminuição da irritabilidade.

Outro método de auxílio, enfatizado por Franzoi *et al.* (2016), seria a musicoterapia, onde os enfermeiros utilizam para auxiliar as crianças autistas no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), onde contemplam diferentes atividades com a música, tais como: canto, dança, movimentos corporais, audição musical, elaboração de histórias musicadas, entre outros. Com isso, a maioria das crianças respondem positivamente à atividade terapêutica, com um importante avanço na comunicação verbal, não verbal e no comportamento em geral.

As intervenções, em geral, devem possibilitar um atendimento humanizado, com olhar para o ser humano e para o sujeito por traz da doença, sem estigmas ou estereotipização. Portanto, o profissional de enfermagem, sobretudo pela proximidade criada no atendimento, deve, além de ter informações técnicas sobre o distúrbio, estar preparado para o acolhimento dos pacientes e dos familiares, buscando atendimento que considere o aspecto psíquico, e não apenas orgânico dos envolvidos, contribuindo, ainda, para a subjetivação dos pacientes e para a formação de vínculos destes com os familiares (VILANI; PORT, 2018).

4.1 A ASSISTÊNCIA AOS FAMILIARES

É certo que a família observa sinais e sintomas de distúrbio de desenvolvimento na criança desde cedo. Ainda assim, o diagnóstico impacta efetivamente toda a estrutura dos familiares. O maior sentimento da família é a revolta pelo diagnóstico, e também pela maneira com que são recebidos ao procurar ajuda. No entanto, esse fato não pode ocorrer. A equipe multiprofissional é a principal responsável por acompanhar o desenvolvimento infantil para melhorar o bem-estar do portador de TEA e de todos os seus familiares e, assim, deve se preocupar com um atendimento humanizado e que atenda às necessidades de cada família (FOTINELE *et al.*, 2021),

No processo de auxiliar a família, o enfermeiro tem um papel de educador, ao informar sobre o autismo e transformar sua relação de confiança com a família, discutir possibilidades de ajuda para a criança, com planos terapêuticos para a melhorar o desempenho da criança na infância. “É papel da enfermagem oferecer a maior quantidade de informações aos pais das crianças autistas e avaliar seu grau de compreensão” (ZANATTA *et al.*, 2014).

Ademais, a equipe de enfermagem deve, através da família, auxiliar e dar a devida assistência, encorajar e tranquilizar. Os familiares conseguem diminuir o medo, apreensões, preconceitos e sentimentos de inferioridade devido ao transtorno da criança (MELO *et al.*, 2016).

O papel do enfermeiro não se restringe a executar técnicas e procedimentos, ele deve desenvolver a habilidade de comunicação que satisfaça a necessidade do paciente, pois esta é uma ferramenta que garante a qualidade do processo de cuidar. É também seu papel, orientar a família a se comunicar com a criança no ambiente domiciliar, para estimulá-la a interagir com aqueles que com ela convivem (MELO *et al.*, 2016).

Ainda, “o objetivo da avaliação da criança com suspeita de TEA não é apenas o estabelecimento do diagnóstico, mas também a identificação das potencialidades dessa criança e de sua família”. Portanto, a equipe de enfermagem, no diagnóstico, deve também estar atenta às necessidades da família e rede de apoio do paciente (SOELT *et al.*, 2021).

Ao receber um diagnóstico, a família se sente fragilizada e pode enfrentar inclusive quadros depressivos, principalmente pelos pais do paciente. Assim, os enfermeiros, devem sugerir o encaminhamento dos familiares ao psicólogo, para que

sejam realizadas intervenções com a família, na tentativa de estabelecer ou reestabelecer laços prejudicados pelas dificuldades perceptivas e sensoriais dos pacientes (VILANI; PORT, 2018).

Além de ajudar com o suporte clínico, a enfermagem também precisa dos familiares como mediadores do cuidado e da comunicação com a criança. Eles ajudam a equipe em caso de administração de medicamentos via oral, aferição de temperatura, entre outros, sob supervisão da equipe, pois em muitos casos a criança nega aproximação com o desconhecido e, dessa forma, com o auxílio dos familiares, o cuidado é mais eficaz (OLIVEIRA *et al.*, 2019).

Deve-se buscar o estreitamento das relações entre instituições formadoras e serviços de saúde, além de estimular a criatividade e outras potencialidades intelectuais da enfermagem. Na direção de um sistema de saúde mais resolutivo e de maior qualidade, as diferentes propostas metodológicas contribuem para a reorientação do processo de trabalho (FERRAZ *et al.*, 2014).

Portanto, os enfermeiros devem superar o modelo tradicional de atendimento, e tratar esses indivíduos a partir da busca pelo conhecimento científico com ações terapêuticas, reinserção do indivíduo na comunidade ao utilizar da empatia para lidar com o sofrimento do próximo (NASCIMENTO, *et al.*, 2020).

O Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro (COREN RJ) comprova que a enfermagem praticada de maneira correta pode proporcionar uma melhora na qualidade de vida dos pacientes autistas e afirma que a enfermagem especializada, além de contribuir para o diagnóstico precoce, consegue prescrever cuidados que melhoram o cotidiano e a convivência em todos os âmbitos que o paciente circula, além de mudar o estilo de vida do mesmo e de todo ambiente familiar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A incidência do TEA aumenta progressivamente no mundo todo, transtorno esse que se caracteriza por diversos conceitos, no entanto, na atual concepção, é comprovado que a criança não consegue se desenvolver intelectualmente nos campos principais da fala e da sociabilidade que são divididos em 3 níveis de gravidade.

A família se mostra totalmente insegura e apreensiva quando há o diagnóstico de autismo, principalmente por não conhecer o quadro, pois existem muitos estereótipos sociais que os preocupam, sendo que muitas vezes suas dúvidas iniciais não são respondidas de forma correta pelos profissionais adequados. Todavia, o apoio da família como um todo é muito importante para a desenvoltura da criança desde o nascer, pois é na família que ela se sente confortável e segura para tentar novas coisas a enfrentar novos desafios.

A equipe de enfermagem possui um papel crucial de ajudar não só a criança portadora de autismo, mas também a família, ao esclarecer suas dúvidas, aconselhar sobre novas atividades, nutrição, terapias, entre outros. Porém, as pesquisas mostram que o conhecimento de muitos profissionais e muitos que ainda estão nas universidades, ainda é pouco comparado à demanda atual, em que é necessário um vasto saber técnico e científico, além das diversas técnicas para lidar com o comportamento do autista.

Por outro lado, muitos profissionais de enfermagem têm aprimorado suas técnicas de escuta ativa e obtiveram melhoras significativas no cuidado. Além da escuta ativa, outros dispuseram de técnicas musicais e pedagógicas para acompanharem o desenvolvimento nas atividades do dia a dia da criança.

Após a análise dos trabalhos, conclui-se que o enfermeiro tem um papel fundamental no processo do cuidado com paciente autista. A enfermagem contribui positivamente agindo de forma a ajudar o diagnóstico precoce do autismo e diversos outros benefícios como melhora no desenvolvimento do cotidiano, melhora nas atividades escolares, entre outros.

Sendo assim, pode-se constatar que o problema sugerido na pesquisa foi respondido, as hipóteses levantadas confirmadas e os objetivos alcançados ao decorrer dos capítulos.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Maria de Fátima Silva dos. **Ações de Enfermagem no acompanhamento de pacientes com transtorno de espectro autista**. Orientadora: Michelle Cristina Guerreiro dos Reis. 13f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) – Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, 2019. Disponível em: <<https://dspace.uniceplac.edu.br/handle/123456789/314#:~:text=Trata%2Dse%20de%20uma%20revis%C3%A3o,aux%C3%ADlio%20no%20tratamento%20das%20crian%C3%A7as>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

ASSUMPÇÃO JR., Francisco B.; PIMENTEL, Ana Cristina M. **Autismo Infantil**. Brazilian Journal of Psychiatry, v. 22, p. 37-39, 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1516-44462000000600010>>. Acesso em: 29 mar. 2022.

BACKES, Bárbara.; BOSA, Cleonice A.; ZANON, Regina B. **Identificação dos primeiros sintomas do autismo pelos pais**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, Rio Grande do Sul, v. 30, n. 1, p 25-33, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/17626>>. Acesso em: 29 mar. 2022.

BAIRD, Gilian.; CHIR, B.; H, Edwin.; G; Francesca; JR Cook; Happé.; HARRIS, James C.; KAUFMANN, Walter E.; KING, Bryan H.; LORD, Catherine E.; PIVEN, Joseph; ROGERS, Sally J.; SPENCE, Sarah J.; SWEDO Susan E.; TANNOCK, Rosemary.; VOLKMAR, Fred; WETHERBY, Amy M.; WRIGHT, Harry H. APA- American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: transtornos do neurodesenvolvimento DSM-5**, 5. ed. Tradução de M, I. C. Nascimento), Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://www.bibliopsi.org/docs/guia/DSM%20V.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

COREN RJ- Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro. **Enfermagem melhora qualidade de vida dos pacientes autistas**. Disponível em: <http://rj.corens.portalcofen.gov.br/enfermagem-melhora-qualidade-de-vida-dos-pacientes-autistas_23994.html>. Acessado em: 05 abr. 2022.

DARTORA, Denise D.; MENDIETA, Marjoriê da Costa.; FRANCHINI, Beatriz. **A equipe de enfermagem e as crianças autistas**. Journal of nursing in Health, v.4 n.1, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/4304>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FARIAS, Geovane M.; MELO, Camila A.; NEGREIROS, João Emanuel L.; OLIVEIRA, Gleiciane S.; PINHEIRO, Renata CS.; SILVA, Janaína F. **Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo**. Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem, v.2, n. 2, 2016. Disponível em: <<https://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/mice/article/view/1154>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

FERRAZ, Lucimare; VENDRUSCOLO, Carine; MARMETT, Sara. **Educação Permanente na Enfermagem: uma revisão integrativa**. Revista Baiana de Enfermagem, Salvador, v. 28, n. 2, p.196-207, 2014. Disponível em:

<<https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/8366>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

FERREIRA, Ana C. S. S.; FRANZOI, Mariana A. H. **Conhecimento de estudantes de enfermagem sobre os transtornos autísticos**. Revista de enfermagem. UFPE on line, v.13, n.1, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/237856>>. Acesso em: 29 mar. 2022.

FILHO, Adelmo da Silva.; MARQUES, Polianna B. F. A.; SILVA, Rafael L. C.; NÓBREGA, Joyce N.; PINTO, Germane A. **Práticas do cuidado em saúde mental desenvolvidas por enfermeiros na Estratégia Saúde da Família**. Revista Nursing, São Paulo, v.23, n. 262, p. 3638-3642, 2020. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-1100402>>. Acesso em: 18 mar. 2022.

FONTINELE, Andreza da Silv.; SILVA, Angélica G. S.; SANTOS, Ingrid Gabrielle F.; SILVA, Joelma Muniz da; BANDEIRA, Juliete M. A.; GONÇALVES, Francilene M. da S.; CASTRO, Fabio M. de S.; BEZERRA, Maryllane M.; SANTOS, Rosana S. dos.; SOARES, Filipe A.de F. **Olhar do enfermeiro na assistência de enfermagem do paciente autista e sua família**. Research, Society and Development, v. 10, n. 14, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20229>>. Acesso em: 5 abr. 2022.

FRANÇA, Izadora S.; SOUZA, Maray N.; BUBADUE, Renata M. **Conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre crianças com transtorno do espectro autista: revisão literária**. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, v. 3, n. 7, 2020. Disponível em: <<https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/51>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

FRANZOI, Mariana André H.; SANTOS, José Luís G. dos; BACKES, Vânia M. S.; RAMOS, Flávia R. S. **Intervenção musical como estratégia de cuidado de Enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial**. Texto & Contexto – Enfermagem, Florianópolis, v. 25, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/30251>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

GARCIA, Priscila M.; MOSQUERA, Carlos Fernando F. **Causas neurológicas do autismo**. O Mosaico - Revista de Pesquisa em Artes da Faculdade de Artes do Paraná. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/viewFile/19/pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LACCHINI, A.J.B.; RIBEIRO, D.B; SOCCOL, K.L.S.; TERRA, M.G.; SILVA, R. M. da. **A Enfermagem e a saúde mental após a reforma psiquiátrica**. Revista Contexto & Saúde, v. 11, n. 20, p. 565-568, 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1579>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

LAMPREIA, Carolina. **A regressão do desenvolvimento no autismo: pesquisa e questões conceituais**. Santa Maria: Revista Educação Especial, v. 26, n. 47, p. 573-586, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/10071>>. Acesso em: 16 mar. 2022.

MELO, Camila A.de.; FARIAS, Geovane M.; OLIVEIRA, Janaina Fernandes da S.; NEGREIROS, João Emanuel de L.; PINHEIRO, Renata da C.da S. **Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo**. Mostra Interdisciplinar do curso de Enfermagem, v. 2, n. 2, 2016. Disponível em: <<https://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/mice/article/view/1154/928>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

NASCIMENTO, Yanna C. M. L.; CASTRO, Cintia S. C.; LIMA, José Leandro R.; ALBUQUERQUE, Maria Cícera S.; BEZERRA, Daniele G. **Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família**. Revista baiana de enfermagem, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/25425>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

NOGUEIRA, Maria Assunção A.; RIO, Susana Carolina MM. **A família com criança autista: apoio de enfermagem**. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, 2011. Disponível em: <<https://www.scienceopen.com/document?vid=bf5244a1-7844-40c0-8668-bcbfd7af1533>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

NUNES, Sandra C.; SOUZA, Tainá Z.; GIUNCO, Carina T. **Autismo: conhecimento da equipe de enfermagem**. CuidArte, Enfermagem; v. 3, n. 2, p. 134-141, 2009. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/bde-20551>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

OLIVEIRA, Ana Carolina A de; MORAIS, Rita de C. M. de; FRANZOI, Mariana André H.; **Percepções e desafios da equipe de Enfermagem frente à hospitalização de crianças com transtornos autísticos**. Revista baiana de Enfermagem, v. 33, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/28300>>. Acesso em: 21 mar. 2022.

OPAS-Organização Pan-Americana da Saúde. **Transtorno do espectro autista**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>>. Acessado em: 05 out. 2021.

RAMOS, Luciana S.; BECK, Carmen LC.; SILVA, Gilson M. da; SILVA, Rosângela M. da; DISSEN, Calianra M. **Estratégia de roda de conversa no processo de educação permanente em saúde mental**. Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, v. 14, n. 4, p. 845-853, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/3559>>. Acesso em: 29 mar. 2022.

RIBEIRO, Bárbara C. O.; SOUZA, Rafael G de; SILVA, Rodrigo M da. **A importância da educação continuada e educação permanente em unidade de terapia**

intensiva: revisão de literatura. Revista de Iniciação Científica e Extensão, v. 2, n. 3, p.167-175, 2019. Disponível em: <<https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/253>>. Acesso em: 05 abr. 2022.

RIOS, Amanda de Souza.; CARVALHO, Laís Chagas de. **Educação permanente em saúde mental: percepção da equipe de enfermagem.** Revista de enfermagem UFPE online, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/245715>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

SENA, Romeika C. F.de; REINALDE, Elda M.; SILVA, Glauber W. S.; SOBREIRA, Maura V. S. **Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil.** Revista Pesqui, online. Univ. Fed. Estado Rio J., v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015.

SMEHA, Luciane Najar.; CEZAR, Pâmela K. **A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo.** Psicologia em estudo, v. 16, p. 43-50, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pe/a/QypM8WrpBcGX9LnwfvqgWpK/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 21 mar. 2022.

SOELT.L.; Sarah B.; FERNANDES, Isabel C.; CAMILLO, Simone de Oliveira. **O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano.** ABCS Health Sciences, 2021. Disponível em: <<https://portalnepas.org.br/abcshs/article/view/1360>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SOUSA, Bruna Sabrina de A.; ALMEIDA, Camila APL.; CARVALHO, Herica Emilia F.de.; GOLÇALVES, Lorraine de Almeida.; CRUZ, Jardel N.da. **A Enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar.** Saúde e Pesquisa, Maringá, v. 11, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/6033>>. Acesso em: 29 mar. 2022.

SOUZA, Abraão P.; OLIVEIRA, Brenner Kássio F.; ALBUQUERQUE, Firmina H. S.; SILVA, Maxwell A.; ROLIM, Karla Maria C.; FERNANDES, Henriqueta Ilda V.M.; SANTOS, Maria Solange N.; MAGALHÃES, Fernanda J.; PINHEIRO, Mirian C. D. **Assistência de enfermagem ao portador de autismo infantil: uma revisão integrativa.** Curitiba: Brazilian Journal of Health Review, v. 3, n. 2, p. 2874-2886, 2020. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/8552>>. Acesso em: 22 mar. 2022.

VARGAS, Diviane; MARCIEL, Marjorie Ester D.; BITTENCOURT, Marina N.; LENATE, Juliana S.; PEREIRA, Caroline F. **O ensino de enfermagem psiquiátrica e saúde mental no brasil: análise curricular da graduação.** Texto Contexto Enfermagem, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/002913357>>. Acesso em: 15 mar. 2022.

VILANI, Marina da Rosa; PORT, Ilvo Fernando. **Neurociências e psicanálise: dialogando sobre o autismo.** Estilos clín., São Paulo, v. 23, n. 1, p. 130-151, abr. 2018.

Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-71282018000100009&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em: 21 mar. 2022.

VILLELA, Juliane C.; MAFTUM, Mariluci A.; PAES, Márcio R. **O ensino de saúde mental na graduação de enfermagem**: um estudo de caso. Texto & Contexto-Enfermagem, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 397-406, abr./jun. 2013. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-678464>>. Acesso em: 21 mar. 2022.

ZANATTA, Elisangela A.; MENEGAZZO, Ediane; GUIMARÃES, Andréa N.; MOTTA; Maria da Graça C.da. **Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil**. Revista baiana de Enfermagem. Salvador, v. 28, n. 3, p. 271-282, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/10451/8989>>. Acessado em: 10 abr. 2022.